



AFLUENTE: REVISTA DE  
LETRAS E LINGUÍSTICA  
ISSN 2525-3441

REVISTA AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA

V.8, N.24, P. 01-17

DOI: 10.18764/2525-3441V8N24.2023.44

**UMA PERSPECTIVA FREUDIANA ACERCA DA MELANCOLIA: O  
SOFRIMENTO AMOROSO NA NOVELA GARIBALDI & MANOELA:  
UMA HISTÓRIA DE AMOR, DE JOSUÉ GUIMARÃES**

*A FREUDIAN PERSPECTIVE ABOUT MELANCHOLY: LOVING SUFFERING IN THE  
GARIBALDI AND MANOELA NOVEL: A LOVE STORY, BY JOSUÉ GUIMARÃES*

Edemilson Antônio Brambilla

<https://orcid.org/0000-0001-5093-2082>

Ivânia Campigotto Aquino

<https://orcid.org/0000-0001-9221-3473>

**Resumo:** Este trabalho possui como objetivo compreender a representação do processo de melancolia na novela Garibaldi & Manoela: uma história de amor, do escritor sul-rio-grandense Josué Guimarães. O livro ficcionaliza a história do amor não realizado entre Giuseppe Garibaldi e Manoela Ferreira. Para além dos aspectos gerais que compõem tal narrativa, nosso enfoque se volta principalmente à representação da personagem Manoela, já que suas ações, após a não realização amorosa com Garibaldi, podem ser lidas à luz do conceito de melancolia. Servirão como base teórica as contribuições de autores como Starobinski (2016), Dunker (2019; 2021; 2023), Scliar (2003), Fianco (2010), e Freud (2010). Este último será tomado enquanto referência principal, dada a importância de seu ensaio intitulado Luto e melancolia para a compreensão do estado melancólico da psique.

**Palavras-chave:** Melancolia; Freud; Literatura; Josué Guimarães.

**Abstract:** The goal of this work is to understand the representation of the procedure of melancholy in the novel Garibaldi & Manoela: uma história de Amor, by the writer from Rio Grande do Sul, Josué Guimarães. The book fictionalizes the story of unrealized love between Giuseppe Garibaldi and Manoela Ferreira. In addition to the general aspects that make up such a narrative, our focus is mainly on the representation of the persona Manoela, since her actions, after her not-love affair with Garibaldi, can be read in the light of the concept of melancholy. The contributions of authors such as Starobinski (2016), Dunker (2019; 2021; 2023), Scliar (2003), Fianco (2010), and Freud (2010) will serve as a theoretical basis. The last one will be used as the leading reference, given the importance of his essay entitled Luto e Melancolia for understanding the mourning state of the psyche.

**Keywords:** Melancholy; Freud; Literature; Josué Guimarães.

## INTRODUÇÃO



A melancolia sempre foi um importante objeto de estudo para os mais diversos pensadores e teóricos, ainda que seu conceito não tenha sido de fácil definição e seu sentido tenha variado bastante ao longo do tempo, o que aponta para os desafios inerentes em se trabalhar com tal conceituação, uma vez que não só as técnicas de tratamento se moldaram ao longo desse período, mas também o estado designado pelo nome de melancolia – ou mais contemporaneamente, de depressão.

Estudos recentes, como os de Jean Starobinski (2016) e Christian Dunker (2021), discorrem acerca da aparição do conceito de melancolia em diferentes eras, traçando sua cronologia, desde a Antiguidade até as suas formulações contemporâneas. Um fato importante, sob essas perspectivas, é o enfoque dado às mudanças que o conceito de melancolia sofreu ao longo dos séculos, uma vez que desde suas primeiras aparições concretas até os dias atuais o estado melancólico foi moldado de acordo com o indivíduo de seu tempo. Embora não recebesse tal nome, a melancolia já era objeto de reflexão vários séculos antes da era cristã, frequentemente presente nos textos de Homero, nos textos Hipocráticos – onde a melancolia era chamada de *bile negra* –, nos escritos de Aristóteles, ou no cotidiano do sujeito medieval e renascentista. Gradualmente, de acordo com Sciar (2003), a expressão da melancolia também passou a encontrar espaço expressivo nas artes, a exemplo da pintura e da literatura.

Desse modo, dentre as várias formas de expressão do processo melancólico e das inúmeras variações que tal conceito recebeu ao longo do tempo, seu reflexo pode ser percebido para além de um cenário circunscrito às vivências e ações cotidianas de determinados indivíduos, estendendo-se também para outros campos da atividade humana, como a linguagem, por exemplo, por meio de textos ficcionais ou literários, expressos de forma oral ou escrita. É essa proximidade entre a melancolia e o universo literário que nos interessa no presente estudo, uma vez que a melancolia, enquanto processo psíquico, pode ser encontrada em textos ficcionais das mais variadas épocas e gêneros, e acaba por nos fornecer, desse modo, um importante panorama de como o conceito é apropriado e interpretado por determinado autor em sua obra. A esse respeito, é importante destacar a afirmação de Dunker (2021), ao postular que

foram escritos ficcionais de autores como Shakespeare e Molière, na virada do século XVI para o XVII, que registraram



o estado melancólico presente em suas respectivas épocas, e ditaram os rumos do conceito até as formulações de autores contemporâneos.

Nesse sentido, o objetivo do presente estudo é compreender como o conceito de melancolia pode ser percebido no texto literário. Para isso, tomaremos como base para análise a

narrativa construída pelo escritor sul-rio-grandense Josué Guimarães na novela *Garibaldi & Manoela: uma história de amor*, publicada originalmente em 1986. Em seu enredo, Guimarães nos apresenta a história de um amor não realizado entre Giuseppe Garibaldi e Manoela Ferreira. Para além dos aspectos gerais que compõem tal narrativa, nosso enfoque se volta principalmente às ações dos personagens Garibaldi e Manoela, já que suas ações – após a não realização amorosa –, podem ser lidas à luz do conceito de melancolia.

Para tanto, servirão como base teórica de análise as contribuições de autores como os já mencionados Starobinski (2016), Dunker (2019; 2021; 2023) e Scliar (2003), bem como as considerações acerca da melancolia feitas por Fianco (2010), e Freud (2010). Este último será tomado enquanto referência principal, dada a importância de seu famoso ensaio intitulado *Luto e melancolia* – publicado originalmente em 1917 – para a compreensão do conceito de melancolia na sociedade moderna.

Nas seções subsequentes, portanto, versaremos sobre o conceito freudiano de melancolia, e sua conseqüente relação com os distúrbios psíquicos do sujeito; em seguida, traçaremos um paralelo entre o processo melancólico descrito por Freud com a narrativa criada por Josué Guimarães em sua novela *Garibaldi & Manoela: uma história de amor*, atentando especialmente para o processo melancólico vivenciado pelos personagens Giuseppe Garibaldi e Manoela Ferreira após a não realização amorosa entre os dois, os quais guardam importantes características apontadas pelo texto freudiano.

### A MELANCOLIA NA PERSPECTIVA FREUDIANA

Publicado originalmente em 1917, o texto de Sigmund Freud intitulado *Luto e melancolia* figura entre os mais importantes textos teóricos centrados na abordagem do processo de melancolia que assola, principalmente, o sujeito moderno. De acordo com Fianco



(2010, p. 70), “o texto de Freud foi rascunhado desde 1914, mas publicado pela primeira vez em alemão em 1917, e em inglês em 1925”. Nele, o autor busca fazer uma distinção entre o luto e a melancolia. O luto, de acordo com Freud (2010, p. 171-172), “é a reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa seu lugar, como pátria, liberdade, um ideal etc.”. A melancolia, por sua vez, “se caracteriza, em termos psíquicos, por um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e diminuição da autoestima, que se expressa em recriminações e ofensas à própria pessoa e pode chegar a uma delirante expectativa de punição” (FREUD, 2010, p. 172-173).

Pode-se dizer, de um modo geral, que tanto o luto quanto a melancolia compartilham de características bastante semelhantes, quais sejam: um doloroso abatimento; a perda de interesse pelo mundo externo; a perda na capacidade de eleger um novo objeto de amor; e o afastamento de toda atividade que não esteja vinculada à memória da pessoa perdida. Somente a autoestima do indivíduo que está em luto não é afetada, e esse é o único traço que difere esses dois processos psíquicos. A respeito do processo do luto, Freud (2010, p. 173-174), afirma:

Em que consiste o trabalho realizado pelo luto? O exame da realidade mostrou que o objeto amado não mais existe, e então exige que toda libido seja retirada de suas conexões com esse objeto. Isso desperta uma compreensível oposição – observa-se geralmente que o ser humano não gosta de abandonar uma posição libidinal, mesmo quando um substituto já se anuncia. Essa oposição pode ser tão intensa que se produz um afastamento da realidade e um apego ao objeto mediante uma psicose de desejo alucinatória. [...] O normal é que vença o respeito à realidade. Mas a solicitação desta não pode ser atendida imediatamente. É cumprida aos poucos, com grande aplicação de tempo e energia de investimento, e enquanto isso a existência do objeto perdido se prolonga na psique. Cada uma das lembranças e expectativas em que a libido se achava ligada ao objeto é enfocada e superinvestida, e em cada uma sucede o desligamento da libido. [...] É curioso que esse doloroso desprazer nos pareça natural. Mas o fato é que, após a consumação do trabalho do luto, o Eu fica novamente livre e desimpedido.

Ao aplicar essa mesma lógica conceitual ao processo melancólico, pode-se perceber que a melancolia também pode ser uma reação à perda de um objeto amado, uma perda que pode ser somente de natureza idealizada, uma vez que o objeto não morreu verdadeiramente, apenas foi perdido enquanto um objeto



amoroso (uma noiva abandonada, por exemplo). Há casos, ainda segundo Freud (2010), em que não é possível discernir claramente o que se perdeu, e é lícito supor que tampouco o doente pode ver conscientemente o que perdeu. Esse caso se evidencia também quando a perda originária do estado melancólico é de alguém conhecido do doente, na medida em

que ele sabe *quem*, mas não *o que* perdeu nesse alguém. “Isso nos inclinaria a relacionar a melancolia, de algum modo, a uma perda de objeto subtraída à consciência; diferentemente do luto, em que nada é inconsciente na perda” (FREUD, 2010, p. 175). Nesse sentido, de acordo com Dunker (2023), no luto, sabemos o que foi perdido, na melancolia, não. Por isso, na melancolia há autocrítica, autodegradação, delírio de inferioridade, juízos injustos consigo próprio, sentimento de inutilidade, insônia, recusa alimentar, mas, no luto normal, não. O melancólico sente satisfação em seu autodesnudamento e na perda de seu autorrespeito; o enlutado normal, não. No melancólico a perda é no Eu; no enlutado, ela incide sobre o objeto.

5

Para além desses aspectos, o processo melancólico apresenta uma característica que não pode ser encontrada no luto, a saber: um extraordinário rebaixamento da autoestima, um enorme empobrecimento do Eu. “No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio Eu. O doente nos descreve seu Eu como indigno, incapaz e desprezível; recrimina e insulta a si mesmo, espera rejeição e castigo” (FREUD, 2010, p. 175-176). Nesse mesmo sentido, Dunker (2019, p. 33) afirma que o sujeito melancólico se questiona acerca dos motivos que levaram o outro a deixá-lo, o motivo pelo qual ele não foi amado suficientemente, se pergunta constantemente se fez algo de errado que o levou a tal condição, em suma, se percebe impotente diante daquela condição de mal-estar. Em síntese, o processo melancólico pode ser resumido da seguinte maneira:

Havia uma escolha de objeto, uma ligação da libido a certa pessoa; por influência de uma *real ofensa ou decepção* vinda da pessoa amada, ocorreu um abalo nessa relação de objeto. O resultado não foi o normal – a libido ser retirada desse objeto e deslocada para um novo –, e sim outro, que parece requerer várias condições para se produzir. O investimento objetal demonstrou ser pouco resistente, foi cancelado, mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto, e sim recuada para o Eu. Mas lá ela não encontrou uma utilização qualquer: serviu para estabelecer uma *identificação* do Eu com o objeto abandonado. Assim, a sombra do objeto caiu sobre o Eu, e a partir de então este pôde ser julgado por uma instância especial como um objeto, o objeto

abandonado. Desse modo a perda do objeto se transformou numa perda do Eu, e o conflito entre o Eu e a pessoa amada, numa cisão entre a crítica do Eu e o Eu modificado pela identificação (FREUD, 2010, p. 180-181).



Percebe-se, portanto, que a melancolia compartilha inegáveis traços característicos com o processo do luto, uma vez que, de acordo com Freud (2010), ela é, por um lado, como o luto, reação à perda real do objeto amoroso, mas além disso é marcada por uma condição que se acha ausente no luto normal, ou que, quando aparece, transforma-o em patológico. Além disso, as ocasiões para a melancolia geralmente não se limitam ao caso muito claro de perda em virtude da morte, e abrangem todas as situações de ofensa, menosprezo e decepção, em que uma oposição de amor e ódio pode ser introduzida na relação, ou uma ambivalência existente possa ser reforçada. Demais aspectos acerca do conceito de melancolia serão abordados na seção subsequente, onde buscaremos, de modo mais concreto, aplicar as discussões teóricas aqui apresentadas em uma análise literária, tomando como ponto de partida a novela *Garibaldi & Manoela: uma história de amor*, de Josué Guimarães. Nosso intuito será o de perceber como as postulações presentes no texto freudiano *Luto e melancolia* aqui analisado podem ser encontradas no universo literário da narrativa ficcional em questão.

6

## A MELANCOLIA NA NOVELA DE JOSUÉ GUIMARÃES

Publicada por Josué Guimarães originalmente em 1986 – sob o título *Amor de perdição* –, a novela *Garibaldi & Manoela: uma história de amor* é ambientada em meio à Revolução Farroupilha (1835 – 1845), e ficcionaliza a relação amorosa entre Giuseppe Garibaldi e Manoela Ferreira. É importante observar, especialmente no título da publicação original – mudado após uma decisão editorial no ano de 2002 –, que a novela de Guimarães faz alusão direta ao texto homônimo do escritor português Camilo Castelo Branco. A esse respeito, Husein (2015, p. 21) afirma:

Nesta narrativa, teremos pela primeira vez na trajetória da “noiva de Garibaldi”, uma participação de destaque. Na novela *Amor de perdição*, o título faz uma analogia à novela portuguesa de Camilo Castelo Branco. Entretanto, na versão publicada em 2002, ela aparece com outro título. Agora, *Garibaldi & Manoela: uma história*



*de amor.* Aqui, a história se passa em aproximadamente uma semana. Garibaldi apaixona-se e pede sua mão em casamento.

Ainda de acordo com Husein (2015, p. 71), podemos dizer que há uma comparação entre o *affaire* de Garibaldi e Manoela com o amor romântico e sem esperanças de Simão e Teresa, personagens principais do texto do português e que, oriundos de famílias inimigas, tem um fim trágico, já que suas famílias se opuseram à união. No caso da novela de Guimarães, a oposição à relação amorosa possui sua origem na família de Manoela, uma vez que, descendendo de uma família rica e tradicional no cenário sul-rio-grandense, seus familiares jamais aceitariam o pedido de casamento de um aventureiro como Giuseppe Garibaldi.

Nesta narrativa, os eventos narrados se passam em aproximadamente uma semana, período em que Garibaldi apaixona-se por Manoela e pede sua mão em casamento. Na perspectiva de Husein (2015), a novela de Josué Guimarães não dá ênfase à batalha. Esse texto, por ser curto, concentra-se no interesse mútuo das personagens e no desenrolar rápido dos fatos, desde o pedido de casamento até a negativa da família. No texto de apresentação da novela, feito por Tabajara Ruas, ele descreve a novela de Guimarães da seguinte maneira:

*Amor de perdição* não é uma *love story* onde o destino cego interfere na paixão de dois jovens. Josué vê o amor com humildade. O amor é fruto da vida e do encontro dos seres e é organizado pelas limitações da sociedade de classes e da História. Josué sabia disso como ninguém. Este livro fala do amor, fala da História e das classes dividindo as vontades e os seres. Por acaso, é uma história verdadeira (GUIMARÃES, 2002, p. 9).

A narrativa de Josué está ancorada no discurso vigente oriundo da historiografia gaúcha veiculada durante as últimas décadas do século XX, que optou por narrar os acontecimentos ligados a Farroupilha sem seu cunho épico e apologético costumeiramente vinculado à historiografia oficial. Do contrário, apresenta tais personagens como um exemplo de anti-heróis dos rio-grandenses. Além disso, o lado mais humano e afetivo dos personagens merece enfoque especial, daí a centralidade do texto de Josué Guimarães estar voltada à relação amorosa entre Garibaldi e Manoela.

O texto se inicia descrevendo as façanhas e a sedução inerentes ao personagem Giuseppe Garibaldi, perspectiva pela qual Manoela irá se apaixonar, vejamos:

— Lembro-me como se fosse hoje — disse o homenzarrão de cabelos claros e olhos azuis. — *Come eri bella, o Constanza*. O comandante se chamava Pesante, era amigo do meu pai. Navegamos no mar Mediterrâneo às águas do mar Negro. Estivemos, inclusive, no porto de Odessa. Eu ficava horas e horas embravecido com as plangentes canções da Ligúria. E bom mesmo foi quando passei a andar com ele na magnífica *Santa Reparata*. Ah, como me lembro bem, e, no entanto, a impressão que eu tenho é que uma vida se passou (GUIMARÃES, 2010, p. 21).



A reação de Manoela é descrita na sequência da seguinte maneira:

[...] meio escondida atrás da mãe e das tias, ouvia com indisfarçável deleite o narrador de mãos calejadas, cabelos rebeldes, braços de lenhador e um vozeirão que parecia ter sido feito na medida exata para gritar ordens no convés, em meio a tempestades tenebrosas (GUIMARÃES, 2010, p. 23-24).

O encontro entre os dois provoca uma paixão repentina, e o desenrolar da narrativa estará centrado na busca pela realização amorosa entre os dois. Ao perceber o mútuo interesse de Manoela por ele, Garibaldi resolveu pedir a mão de Manoela em casamento, e para isso necessitaria da aprovação de toda a família da moça, incluindo seu tio, o general Bento Gonçalves. Ao contrário do esperado, Bento Gonçalves posicionou-se contra o noivado dos dois, e uma intensa gama de conflitos passa a se desenrolar. Diante do pedido de noivado, Bento dirigiu-se a Don'Ana lhe pedindo para que explicasse à Manoela os motivos de sua desaprovação, vejamos:

Faz com que ela compreenda que Garibaldi, apesar de todas as aparências, não passa de um expatriado, de um aventureiro internacional. Um bom homem. Um homem muito valente. Mas, como chefe de uma família, um desastre. Ela precisa de alguém que fique a seu lado, que lhe dê proteção, além de amor. (GUIMARÃES, 2010, p. 53).

Do ponto de vista de Manoela, nada podia ser feito, uma vez que ela estava inserida em um meio com intensos interesses políticos e conflitos de classes, reflexos de uma sociedade bastante conservadora, patriarcal e machista, cujo poder era todo delegado ao homem, enquanto as vozes femininas eram silenciadas e subjugadas. Nesse sentido, de acordo com Pesavento (1985, p. 28):

[...] o Rio Grande do Sul, em sua formação histórica, apresentou uma base bem definida em termos de assimetria social, que se





traduziu em práticas autoritárias de mando que se difundiam por toda a sociedade. O recrutamento constante generalizou o sentido de hierarquia e disciplina, bem como militarizou os hábitos e fez do autoritarismo uma prática constante.

Coube à Manoela, então, apenas receber a triste notícia de sua tia Don’Ana, a pedido de Bento Gonçalves. Vejamos como a cena é retratada na novela de Guimarães:

— Não estava em mim, só consegui um certo alívio quando falei com Manoela. — E... — Fechou-se no quarto e até agora lá está, desfeita em pranto. Não sei, não, mas vai ser muito duro para a pobrezinha. Conseguiu explicar tudo para ela, conforme te pedi? — Tudo. Para vergonha minha, cheguei a mentir, inventar graves defeitos no coitado do rapaz. Mas ela não se conforma, acha que há uma conspiração contra eles. Bento, vou entregar tudo nas mãos de Deus Nosso Senhor. (GUIMARÃES, 2010, p. 55).

Ao interpretar a não aceitação do casamento entre Garibaldi e Manoela por parte de sua família, Husein (2015, p. 72) afirma:

Hipoteticamente pensando, não é de se estranhar que os pais de Manoela achessem o seu pedido um absurdo. Manoela, assim como suas irmãs e, de uma forma geral, as moças da aristocracia gaúcha do século XIX, tinham planos bem definidos por seus pais e desde cedo. Portanto, a negativa ao pedido de Garibaldi deve ter sido facilmente assimilada pelo italiano. É importante lembrar que estamos considerando que, supostamente, houve um pedido de casamento e relacionando-o ao que é exposto pelo texto em questão.

9

A partir da não realização amorosa entre Garibaldi e Manoela, a novela construída por Josué Guimarães passa a focalizar o modo como cada um dos dois personagens se comportou diante desse impedimento amoroso. Essas duas perspectivas são retratadas ao longo do restante da narrativa. Garibaldi parece desconfiar de que a negativa para o seu pedido de casamento esteja diretamente relacionada aos interesses pessoais da família de Manoela. Ainda assim, não vê outra alternativa senão continuar envolvido com a causa Farroupilha, dando apoio incondicional a Bento Gonçalves. Ao abordar o assunto com pessoas próximas, Garibaldi exclamava: “Manoela merece viver a sua própria vida, e depois, [...] um homem como eu de fato nunca sabe se estará vivo amanhã (GUIMARÃES, 2010, p. 57). Isso, no entanto, não o impediu de passar por um intenso estado de sofrimento por conta da não realização amorosa. Tal fato é amplamente retratado pelo narrador da novela de Guimarães, vejamos:



Logo depois, Garibaldi informava que não se sentia muito disposto e que não pretendia jantar. Matru, calado a um canto, sabia de tudo. Viu quando ele desaparecia no cavername que fazia as vezes de quarto, levando consigo um lampião de luz forte, seus mapas e documentos, seus livros de anotações de guerra e, no rosto, uma inconsolável expressão de tristeza. Afundado na sua solidão, lutando contra seus sentimentos, Garibaldi começou ali mesmo a traçar os primeiros planos destinados a enganar as fragatas imperiais que guarneciam a embocadura do Guaíba, de maneira a transpor a Lagoa dos Patos e rumar para Santa Catarina. [...] Tentou em vão rabiscar os primeiros traços. Escrever as primeiras linhas. Os mapas lhe pareciam imprecisos, as letras, confusas, fora de foco, embaciadas. A seu lado o fantasma de Manoela, sua doce voz, seus gestos suaves. Sentiu na pele do braço até mesmo o calor de sua mão delicada. Que, afinal, lhe teria dito Don'Ana? Pobre Manoela. Suspirou: pobre de mim! (GUIMARÃES, 2010, p. 60-62).

Nos meses que se seguiram, Garibaldi buscou dedicar-se exclusivamente às batalhas e à causa dos Farrapos, como uma forma de afastar de seus pensamentos a presença ainda vívida da figura de Manoela. Isso fica evidente na seguinte passagem da novela de Josué Guimarães:

Agora ele queria fugir de sua proximidade, precisava distanciar-se da imagem que não lhe saía dos olhos, que não lhe abandonava seu pensamento nas longas e dolorosas noites de vigília. Preenchia seu tempo acelerando as obras, infernizando a vida de seus homens, traçando planos e tomando decisões ousadas (GUIMARÃES, 2010, p. 63-66).

10

Em outros momentos, é possível perceber como a figura de Manoela altera seu estado normal de consciência, uma vez que Garibaldi, apesar da intensa jornada de trabalho na tentativa de ocupar seu tempo e se afastar de lembranças de Manoela, possui dificuldade para dormir. Nesses momentos, Garibaldi passa a imaginar a presença da mulher amada, como se esta fosse uma espécie de fantasma que o cerca e o acompanha ao longo de sua penosa jornada, vejamos:

Quando caía de estafa, após dois ou três dias de penoso esforço, não conseguia dormir de pronto. E Manoela vinha deitar-se a seu lado, encorajando-o na luta. Passando suas mãos de seda nos seus longos cabelos, na sua barba hirsuta, proferindo doces palavras de amor e de incentivo. Ele acariciava o fantasma de sua paixão, enxergava dentro da mais negra escuridão os olhos da amada, ouvia no meio do coaxar dos sapos a sua voz suave e delicada. Anos depois, muitíssimos anos depois, já envelhecido, ele escreveria sobre Manoela, como a justificar sua grande frustração, que era *fiddanzata ad um figlio dal presidente*; Bento Gonçalves não lhe teria mentido. Eram companheiros de uma guerra dura e prolongada. Respeitavam-se, acima de tudo. E registrou: *Si! Bellissima figlia del Continente, io ero felice*



*d'appartenerti comunque fosse. Tu destinata a donna d'un altro!*  
(GUIMARÃES, 2010, p. 73-74).

O trecho supracitado ainda nos evidencia o fato de que a marcante presença de Manoela e a frustração pela não realização amorosa com a moça ainda acompanhou Garibaldi por longos anos, fazendo-o lamentar profundamente o impedimento na continuidade da relação amorosa entre os dois. Além disso, gostaríamos de destacar a dificuldade para dormir que assola Garibaldi, apontada no início do trecho em questão. Esse aspecto torna-se importante em nossa análise, uma vez que encontra correspondência direta com o estado melancólico descrito no texto freudiano, uma vez que, segundo o pensador:

A insônia, na melancolia, atesta provavelmente a rigidez do estado, a impossibilidade de cumprir a retirada geral de investimentos que o sono requer. O complexo da melancolia se comporta como uma ferida aberta, de todos os lados atrai energias de investimento (que chamamos de “contrainvestimentos” no caso das neuroses de transferência) e esvazia o Eu até o completo empobrecimento; com facilidade pode se mostrar resistente ao desejo de dormir do Eu (FREUD, 2010, p. 186).

11

No que diz respeito ao estado de Garibaldi com relação à negativa de seu pedido de casamento e os posteriores reflexos que isso causou ao personagem, a narrativa de Guimarães termina por nos mostrar que, muito embora Garibaldi tenha enfrentado um longo e marcante processo de melancolia e sofrimento, o personagem encontrou meios para lidar com seu estado psíquico, o que acabou fazendo que tais lembranças o assolassem apenas esporadicamente, e não acabassem por se tornar a tônica de sua existência. Freud (2010) respalda essa perspectiva ao afirmar que, em alguns casos, o estado melancólico se faz presente no cotidiano de um indivíduo por certo tempo, podendo desaparecer sem deixar traços significativos de grandes mudanças. Isso acaba por fazer com que o indivíduo volte a ser influenciado pelo estado em que se encontrava posteriormente, o que não o impede de se abrir para novas experiências, inclusive substitutivas daquele objeto causador do estado original.

Isso pode ser evidenciado a medida em que Garibaldi, embora nunca tenha de fato esquecido Manoela, gradualmente abriu-se a novas experiências amorosas, a mais famosa delas com Anita, com quem conviveu por longos anos, inclusive constituindo uma família. A novela de Josué

Guimarães não deixa escapar esse processo, e o narrador nos aponta tais acontecimentos, vejamos:



Manoela, como alguém de carne e osso sempre presente, esteve ao lado dele quando da entrada de suas tropas em Bréscia, nos dias em que lutou na expedição dos Camisas Vermelhas contra o Reino das Duas Sicílias, em Trentino, na Calábria, em todas as prisões e fugas. E quando se apodera de Montorodondo é ainda o olhar de Manoela que o segue e o anima, que o encoraja e o alimenta de fé. Mas continua sendo apenas um fantasma. Viva, de carne e osso, sempre a seu lado, existia outra mulher de seus amores: Anita. E quando ela morre, na metade do século, ele segue o seu destino, já então na companhia de dois fantasmas que engolfam a sua vida tumultuada. Gibraltar, Tanger, Nova York, América Central, Costa do Pacífico, Lima. E outra vez, mais uma vez, a Itália de seus amores e de seus sacrifícios (GUIMARÃES, 2010, p. 74-76).

Se Giuseppe Garibaldi – embora triste com a negativa de seu pedido de casamento, e com a certeza de que jamais esqueceria Manoela e seu amor proibido –, gradualmente venceu o estado melancólico pela não realização amorosa, Manoela, por sua vez, entregou-se gradativamente a um processo melancólico que lhe custou o restante de sua existência. Eis o ponto onde o processo melancólico descrito na seção anterior pode ser evidenciado em sua concretude de um modo ainda mais representativo do que o vivenciado por Garibaldi, uma vez que Manoela passa por um sofrimento marcadamente acentuado, que pode ser aproximado do que fora exposto pela perspectiva freudiana em seu escrito *Luto e melancolia*.

Nos trechos da narrativa que se seguem, o narrador nos evidencia os traços do processo melancólico apontados por Freud e analisados na seção anterior. Podemos perceber, por parte de Manoela, um doloroso abatimento, uma gradual perda de interesse pelo mundo externo, o afastamento de toda atividade que não esteja vinculada à memória da pessoa perdida, e a conseqüente perda na capacidade de eleger um novo objeto de amor, o que acaba por impactar diretamente na autoestima do indivíduo em processo melancólico. Vejamos como o narrador nos apresenta essas características:

No casarão da estância de Camaquã, Don’Ana preocupava-se com o mutismo absoluto de Manoela. A moça emagrecia a olhos vistos. Poucas vezes sentava-se à mesa. Permanecia dias e dias fechada no quarto, postigos cerrados, porta trancada. A mãe passava horas seguidas encostada à porta de madeira rústica, ouvindo o choro abafado da filha. Fazia-lhe apelos repetidos e terminava voltando para junto de sua irmã Ana, perguntando o que fazer naquele caso. Manoela definhava. – Isso passa com o tempo – dizia-lhe Don’Ana. [...] Ela termina esquecendo. – Conheço bem a minha filha – dizia-



Ihe a irmã, chorosa. – Ela vai levar os seus sentimentos para o túmulo (GUIMARÃES, 2010, p. 66-67).

A esperança das duas irmãs com relação ao sofrimento de Manoela era de que, com o passar do tempo, ela se apaixonasse por algum outro rapaz, a exemplo de Joaquim, a quem todos da

família aprovavam. A questão é que, conforme apontando por Freud (2010), o sujeito melancólico não se encontra aberto a substituir o objeto de libido original, ao contrário do indivíduo acometido pelo luto, onde isso gradualmente se resolve, uma vez que quando o trabalho do luto se conclui, o ego fica outra vez livre e desinibido, ou seja, uma vez realizado esse trabalho, o ego consegue libertar sua libido do objeto perdido, estágio que não é possível ser alcançado pelo sujeito que se encontra em um processo melancólico.

Outra característica que chama atenção no trecho da novela supracitado, é o isolamento diante do mundo, a recusa à alimentação, uma vez que, aos olhos dos familiares, Manoela emagrecia de um modo bastante intenso. Além disso, há um certo desapego com relação à vida por parte da personagem, que, ao isolar-se, se recusa a ter qualquer tipo de contato com o mundo à sua volta. Freud (2010), nos aponta que essas características são próprias de um sujeito que se encontra em um processo melancólico:

Degrada-se diante dos outros; tem pena de seus familiares, por serem ligados a alguém tão indigno. Não julga que Ihe sucedeu uma mudança, e estende sua autocrítica ao passado; afirma que jamais foi melhor. O quadro desse delírio de pequenez – predominantemente moral – é completado com insônia, recusa de alimentação e uma psicologicamente notável superação do instinto que faz todo vivente se apegar à vida (FREUD, 2010, p. 176).

Desde o dia em que perdera Garibaldi, Manoela passou a fechar-se em si mesma, isolada, viveu entregue ao sofrer pela perda do amado. Embrenhada “na sua solidão, fechava os postigos e expulsava do quarto a pouca luz que ainda banhava aquele seu cárcere voluntário” (GUIMARÃES, 2010, p. 68). O estado do sujeito melancólico, conforme apontado por Freud (2010), também influencia diretamente as pessoas que o cercam. No caso do isolamento de Manoela, por exemplo, as outras mulheres da família sofriam, por extensão, com seu estado psíquico. Vejamos um trecho onde essa preocupação se estende às demais mulheres da família:

Don’Ana, às vezes, batia na porta repetidamente e, ao ouvir a voz da sobrinha, rouca e abafada, tentava

convencê-la de que devia sair um pouco, tomar sol, respirar o ar puro das belas manhãs daqueles dias. Manoela repetia um lamurioso “não”. E quando resolvia sair era apenas por alguns minutos, arredia e sestrosa, recusando-se a falar com quem quer que fosse. Parecia a todos um bicho do mato que vagasse sem rumo pelo casarão. Algumas vezes caminhava por um pedaço de campo que levava à porteira, demorava-se por lá como se esperasse por alguém, acompanhada sempre pelo olhar triste de Don’Ana, que sabia muito bem por quem ela esperava (GUIMARÃES, 2010, p. 68-69).



Em outra passagem, temos a leitura de Don’Ana a respeito do estado em que se encontra Manoela, vejamos:

— Meu Deus, Manoela não merecia isso. Ela está envelhecendo. Notei ontem, quando uma nesga de sol bateu em seus cabelos, os primeiros fios brancos que não são do tempo, mas da tristeza. O senhor sabe que eu de nada tive culpa. Fiz o que devia fazer naqueles dias. Eu sabia que se as coisas não dessem certo, aconteceria exatamente isso. As irmãs só ouviam. (GUIMARÃES, 2010, p. 70-71).

Embora tenha se esforçado para voltar ao estado normal, junto do convívio familiar, o processo melancólico enfrentado por Manoela mostrou-se tão intenso que todas as suas tentativas resultavam na continuidade do seu cenário de isolamento. Vejamos como isso é retratado:

Foi retornando, aos poucos, ao convívio da família. Sentava-se à mesa para beliscar isso ou aquilo, mas só respondia por monossílabos às perguntas que lhe faziam. Outras vezes sentava-se do lado de fora da porta, sem nada fazer, olhos perdidos na distância das coxilhas, indiferente ao que se passava ao redor. Mal a noite se anunciava, recolhia-se ao quarto, sem pressa, e todos ouviam o ranger da chave na fechadura. Era mais uma longa noite de agonia e de lágrimas. Don’Ana chegou a dizer às irmãs: – Meu Deus, Manoela não merecia isso. Ela está envelhecendo. Notei ontem, quando uma nesga de sol bateu em seus cabelos, os primeiros fios brancos que não são do tempo, mas da tristeza. O Senhor sabe que eu de nada tive culpa. Fiz o que devia fazer naqueles dias. Eu sabia que se as coisas não dessem certo, aconteceria exatamente isso (GUIMARÃES, 2010, p. 70-71).

Essa postura parece se assemelhar com o que Freud (2010) postula em sua obra, uma vez que o autor afirma que o automartírio claramente prazeroso da melancolia significa, tal como o fenômeno correspondente na neurose obsessiva, a satisfação de tendências sádicas e de ódio relativas a um objeto, que por essa via se voltaram contra a própria pessoa. Nas duas afecções os doentes habitualmente conseguem, através



do rodeio da autopunição, vingar-se dos objetos originais e torturar seus amores por intermédio da doença, depois que se entregam a ela para não ter de lhes mostrar diretamente sua hostilidade. A pessoa que provocou o distúrbio afetivo do doente, e para o qual está orientada sua doença, normalmente se encontra no círculo imediato dele. Assim, o investimento

amoroso do melancólico em seu objeto experimentou um duplo destino: parte dele regrediu à identificação, mas outra parte, sob a influência do conflito da ambivalência, foi remetida de volta ao estágio do sadismo, mais próximo desse conflito.

Em outra passagem, novamente fica evidente que nada mudara no estado melancólico de Manoela, vejamos como o narrador nos apresenta os fatos:

Uma noite, no grande silêncio que oprime os descampados, as irmãs ouviram nitidamente uma voz que parecia vir da distância. Era Manoela que cantava qualquer coisa em seu quarto. Acorreram à sua porta, colaram o ouvido na grossa madeira. Sim, era ela mesma. Cantava uma *romanza* de Nizza que Garibaldi aprendera em Marselha e lhe ensinara. Percebendo ruído do lado de fora, sua voz silenciou. Durante a noite, apertava os olhos e revia a figura do marinheiro comandando seus homens num convés varrido pelo fogo inimigo, até que o sono pesado da madrugada chegava de mansinho, afugentando os seus fantasmas. Outras vezes, Manoela sentava-se numa cadeira de balanço, segurava com carinho um par de mãos invisíveis, passava-as no rosto molhado de lágrimas e repetia as palavras em italiano, as mesmas que ele dizia em seus poucos encontros (GUIMARÃES, 2010, p. 72-73, grifo do autor).

Manoela nunca mais ouviu uma palavra sequer a respeito de Giuseppe Garibaldi, também nunca conseguiu superar a não realização amorosa entre ambos e se entregar a um novo relacionamento. Aos poucos, as mulheres de sua família foram morrendo, e ela, sozinha, deixara a estância e as tristes lembranças daquele lugar para residir em Pelotas. As tristezas e as lembranças a acompanharam, “conversava com ninguém, e quando alguns parentes a procuravam, ouvia todos sem dizer nada, olhar perdido, cabelos soltos, pele murcha e roupas em desalinho. Diziam, a coitada não vive neste mundo” (GUIMARÃES, 2010, p. 77-78). Ainda segundo o narrador da novela de Guimarães, “jamais alguém a vira olhando para um homem, para os pretendentes que de início acreditavam fazê-la voltar à vida. Não. Ninguém mais no mundo tomaria o lugar de Giuseppe Garibaldi” (GUIMARÃES, 2010, p. 78). Manoela passou seus últimos dias

de vida sozinha, até que, em uma noite fria de inverno, chamou por Garibaldi e morreu.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que faz Josué Guimarães em sua novela *Garibaldi e Manoela: uma história de amor*, de um modo geral, é questionar e subverter a organização social oriunda dos discursos oficiais e dos padrões vigentes no período, com seus interesses políticos e seus conflitos de classes, reflexos diretos de uma sociedade bastante conservadora, patriarcal e machista, cujo poder sempre foi delegado ao homem, enquanto que as vozes femininas passavam a ser silenciadas e subjugadas. Tais características permeiam de forma bastante evidente a obra analisada nas seções anteriores, e marcam, como de costume, o posicionamento crítico, subversivo e de denúncia por parte de Josué Guimarães perante as injustiças e mazelas da sociedade narrada em sua ficção.

Para além desses aspectos, majoritariamente de ordem política e social, encontra-se outro elemento caro à ficção de Guimarães, de caráter humano, ao passo em que o autor constrói uma trama cujos dilemas humanos passam a ditar a tônica dos acontecimentos que se desenrolam ao longo da narrativa. É graças a essa postura e essa escolha de perspectiva que o texto de Josué nos possibilita ser lido e interpretado à luz de conceitos quase sempre voltados à psicologia e ao estudo do comportamento humano de um modo mais concreto. Ao nos apropriarmos dos conceitos postulados pelo texto freudiano, pode-se perceber que a aproximação com o universo literário se mostra um diálogo bastante proveitoso e pertinente.

As características inerentes ao processo melancólico apontado por Sigmund Freud em *Luto e melancolia* (2010), são as mesmas que se pode evidenciar no enredo construído por Josué Guimarães em sua novela *Garibaldi e Manoela: uma história de amor*. Dos dois personagens principais, Garibaldi e Manoela, àquele é afetado pela melancolia após a negativa de seu pedido de noivado, mas gradualmente consegue retornar ao convívio social e afetivo, enquanto esta apresenta traços melancólicos demarcados de maneira mais evidente e acentuada, pois Manoela se isola do mundo a sua volta, mergulhando em um

estado de profunda degradação física e mental que perdura ao longo do restante da sua existência. Assim, o isolamento





social (perda de interesse pelo mundo externo), o abatimento, a recusa à alimentação, o desapego à vida, a insônia, o degradar-se diante de si e dos outros, a perda da capacidade de eleger um novo objeto de amor, e o afastamento de toda atividade que não esteja vinculada à memória da pessoa perdida, são características presentes nas ações da personagem Manoela, e

que estão diretamente ligadas aos aspectos inerentes ao processo melancólico descrito por Sigmund Freud, o que nos possibilita traçar um paralelo direto entre seu texto e a narrativa ficcional analisada neste estudo.

## REFERÊNCIAS

STAROBINSKI, J. *A tinta da melancolia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 568p.

DUNKER, C. Teoria do luto em psicanálise. *Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental*, v. 8, n. 2, p. 28-42, 2019. Disponível em: <https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/226/154>. Acesso em: 10 nov. 2023.

DUNKER, C. *Uma biografia da depressão*. São Paulo: Paidós, 2021. 240p.

DUCKER, C. *Lutos finitos e infinitos*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

SCLIAR, M. *Saturno nos trópicos: a melancolia europeia chega ao Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FIANCO, F. *Eu é o nome do vazio: Walter Benjamin e a melancolia no Drama Barroco*. Passo Fundo: IMED, 2010.

FREUD, S. Luto e melancolia (1917 [1915]). In: FREUD, S. *Introdução ao narcisismo: ensaio de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 170-194.

GUIMARÃES, Josué. *Garibaldi e Manoela: uma história de amor*. Porto Alegre: LePM Pocket, 2010.

HUSEIN, V. S. C. *A construção da imagem da "noiva de Garibaldi": um fantasma da história na literatura*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) - Universidade do Sul de Santa Catarina, 2015. 99p.

PESAVENTO, S. J. *A Revolução Farroupilha*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

**Enviado em: 18 de novembro de 2023**

**Aprovado em: 24 de abril de 2024**

UMA PERSPECTIVA FREUDIANA  
ACERCA DA MELANCOLIA: O  
SOFRIMENTO AMOROSO...  
Afluente, UFMA/CCBA, v.8 n. 25, p.  
01-17, ago/dez de 2023  
ISSN 2525-3441